

Memorial de um complexo arquitetónico enquanto espaço museológico: Museu Machado de Castro (1911-1965)* Duarte Manuel Freitas



Gostaríamos, em primeiro lugar, de agradecer aos membros do júri a atribuição do prémio Victor Sá de História Contemporânea, sendo esta uma distinção que muito nos honra. A investigação que submetemos a concurso resulta de uma tese de doutoramento em História (regime pré-Bolonha), na especialidade de Museologia e Património Cultural, apresentada à Universidade de Coimbra no dia 20 de maio de 2015. Foram nossas orientadoras a Doutora Irene Vaquinhas e a Doutora Regina Anacleto, às quais enviamos o nosso preito de gratidão, pela disponibilidade e o pelo incentivo que nos deram para levar o plano avante, bem como pela sua leitura crítica e atenta dos textos que, aos poucos, fomos produzindo.

* Intervenção na cerimónia de entrega do Prémio Victor Sá de História Contemporânea, 15 de dezembro 2015. Texto de apresentação da obra premiada.

Podemos situar a génese do trabalho de investigação, alvo desta tão nobre distinção, há precisamente dez anos. Entre os meses de setembro e dezembro de 2005 frequentámos um estágio no Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC), inserido no âmbito do protocolo de colaboração entre este e a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com o objetivo de proporcionar aos alunos do III curso de Mestrado de Museologia e Património Cultural um complemento à formação teórica prestada naquele estabelecimento de ensino. À época, o espaço museológico encontrava-se encerrado ao público, num breve compasso de espera para o início das, tão desejadas, obras de beneficiação e ampliação do edifício. Foi pela mão de Pedro Redol (então diretor do museu) que ficámos a conhecer algumas das suas especificidades arquitetónicas que nos fizeram recordar a alegoria literária da mítica cidade de *Fedora*, a “metrópole de pedra cinzenta”, saída da imaginação do escritor Italo Calvino – presente no romance *Cidades Invisíveis* –, sobretudo na descrição do seu museu instalado no “palácio das esferas”. Nas paredes do congénere conimbricense – assente no mundo real, não ficcionado – vislumbram-se reminiscências dos rostos que a cidade tomou ao longo de dois milénios, desde o período do domínio romano sobre a *civitas aeminiensis* até às alterações mais próximas no tempo, já enquanto espaço museológico.

Perante a oportunidade de avançar para a elaboração de uma tese de doutoramento, o MNMC foi o objeto de estudo apetecido e efetivamente escolhido, partindo-se de um plano inicial que procurou percorrer a sua história a partir do momento fundador. Em termos pragmáticos, preferiu-se uma divisão por assuntos do que propriamente alicerçada na pura lógica cronológica, almejando compreender, em capítulos distintos, a progressão efetiva das conceções museológicas (idealizadas pelos diferentes responsáveis da instituição), do contexto arquitetónico (assente nas obras de adaptação e de beneficiação, intervenções de restauro e a descoberta de preexistências), do primado da peça (pelo estudo das coleções e as opções museográficas, em contexto de exposição permanente ou temporária) e, por fim, da interação do museu com o meio (nas componentes do foro educativo, passando pelos fenómenos de associação em torno do museu).

Os obstáculos, desde cedo, se ergueram por sustentar um programa demasiado ambicioso – que se estenderia não em uma mas em, pelo menos, quatro teses de doutoramento – e nunca fez tanto sentido a sentença, à maneira proverbial, “Os deuses são avaros e castigam sem piedade os pecados da *hybris* [...]”, escrita pelo académico José Ribeiro Ferreira, aquando de um labor do mesmo âmbito.

Decidimos fixar-nos somente nos aspetos arquitetónicos do objeto de estudo, sendo este um caso peculiar no panorama museológico nacional. Podemos mesmo asseverar que, em Portugal, nenhuma instituição da mesma índole se instalou numa estrutura espacial em que se encontram presentes várias componentes arquitetónicas que foram classificadas com o estatuto de Monumento Nacional, ainda que somente o antigo paço dos bispos de Coimbra tenha sido erguido na área atual. As restantes, edificadas originalmente noutros pontos da cidade, são fruto de integrações no edifício do museu, que partiram de decisões concretas, fundamentadas na sua preservação e salvaguarda.

Estabelecemos, desde logo, como objetivo principal, conhecer as transformações ocorridas no complexo arquitetónico que atualmente sustenta o Museu Nacional de Machado de Castro, durante o período temporal que medeia o seu nascimento (1911) até à elevação ao estatuto de museu nacional (1965). A análise das várias fontes coligidas (escritas e icononímicas) permitiu:


- apresentar as diferentes conceções museológicas dos diretores do museu. Foram eles António Augusto Gonçalves, Vergílio Correia e Luís Reis Santos;
- identificar as premissas basilares da adaptação de um antigo paço episcopal a espaço museológico;
- compreender os ditames do processo de anexação do paço episcopal da igreja de São João de Almedina;
- destacar o surgimento e a integração no discurso expositivo de preexistências da *civitas aeminiensis* e dos tempos medievos;
- discriminar os procedimentos de incorporação, no edifício do museu, de elementos arquitetónicos provindos de outras edificações da cidade de Coimbra;

- enaltecer a posição do espaço museológico no âmbito do plano de obras da cidade universitária, posto em prática a partir da década de 1940;
- especificar os diferentes momentos de demolição, reparação, adição e restauro aplicados ao edifício;
- evidenciar o almejado equilíbrio da dualidade museu/monumento, procurado a partir da década de 1950.

As conclusões a que chegámos levam-nos a enaltecer a relevância do objeto de estudo no panorama museológico português por se constituir, em mais do que qualquer outro exemplo, numa verdadeira sobreposição de diferentes memórias edificadas ao longo de dois mil anos de história, cuja existência nos dias de hoje em tudo se deve à atenção e sensibilidade de vários intervenientes e às consequentes medidas então tomadas durante o período cronológico estudado.

No que concerne às fontes utilizadas, destaca-se, num primeiro plano, o acervo documental do próprio espaço museológico e o vasto arquivo da antiga DGEMN, sito no Forte de Sacavém, abrindo-se igualmente o espaço à análise de outros fundos quando muitas das informações obtidas se revelavam insuficientes. Remetemos para os anexos, coligidos no segundo volume, um manancial significativo de fontes, em particular as icononímicas de diferentes tipologias, no qual se inclui uma filmagem registada no ano de 1931.

Um dos aspetos essenciais que procuramos incutir na presente investigação refletiu-se no “tomar o pulso” da opinião pública sobre os mais variados temas respeitantes ao museu, em particular as diferentes intervenções efetuadas no edifício, não olvidando a participação ativa, no panorama do jornalismo conimbricense, dos dois primeiros diretores do museu (António Augusto Gonçalves e Vergílio Correia) enquanto cronistas eminentes. Os jornais portugueses dos finais de Oitocentos e de meados da centúria seguinte – até à institucionalização da censura prévia durante o Estado Novo – constituíam-se em verdadeiras praças públicas onde se discutiram os mais variados assuntos do foro político e cultural e as posições antagónicas se digladiavam de modo acérrimo, apresentando-se como fontes essenciais para a apreensão do conhecimento histórico do referido período, por vezes mais “sumarentas” quando comparadas com a esterilidade de alguns dos documentos oficiais de âmbito administrativo.

Debrucemo-nos, por ora, na atualidade. O recente projeto de requalificação do Museu Nacional de Machado  Castro tornou-o rejuvenescido sem, com isso, perder a especificidade histórica da sua estrutura que contém a maior concentração de monumentos nacionais agregados a um só edifício. Arquétipo de memória por excelência, a referida instituição preserva as características arquitetónicas de um espaço eminentemente sensorial, onde o novo e o antigo se fundem numa espécie de jogo de espelhos que refletem as atenções do presente e as formas que a cidade de Coimbra tomou em tempos pretéritos.

Finalmente, termino com duas notas pessoais que gostaria de partilhar convosco. Em primeiro lugar, dedico esta investigação à memória da minha avó paterna Adelaide Gonçalves (bordadeira) e do meu avô materno António Pereira Roque (pescador), ambos naturais de Câmara de Lobos (ilha da Madeira). Em segundo lugar, ao receber o presente prémio, recordamos os dias de maior frustração a que este trabalho muitas vezes nos levou. Chegámos mesmo a pensar em abdicar desta empreitada, o que, em boa hora, não fizemos e procurámos prosseguir o sonho de incidir o nosso labor sobre os estudos históricos. Vem-nos à memória um pequeno poema de Sophia de Mello Breyner Andersen que nos ajudou a desbloquear os vários impasses e tormentas por que fomos passando:

Apesar das ruínas e da morte,
Onde sempre acabou cada ilusão,
A força dos meus sonhos é tão forte,
Que de tudo renasce a exaltação
E nunca as minhas mãos ficam vazias.

Obrigado, mais uma vez, a todos. Estou imensamente grato pelo vosso reconhecimento, através deste prémio tão significativo para a História Portuguesa, que faz com que as minhas mãos nunca fiquem vazias.



O vencedor do Prémio na edição 2015, Doutor Duarte Freitas, com a Presidente do Conselho Cultural e o Presidente do júri do Prémio.